



FUNDAÇÃO NACIONAL DO  
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International  
Board on Books for Young People

iBBY

Notícias 3

Nº. 3 Vol. 23 – Março de 2002

# Jella Lepman, criadora do IBBY

Laura Sandroni

**O** que será que nos faz acreditar ainda no sonho de um mundo sem fronteiras, onde a compreensão, a solidariedade, a justiça, o amor e o respeito pelo outro serão realmente práticas comuns entre os homens e mulheres de diferentes culturas, crenças e etnias?

O que será que nos faz, apesar de tudo, acreditar que isto ainda é possível?

Há mais de 50 anos, a alemã Jella Lepman, criadora do IBBY, apesar da perseguição que sofreu em seu país, por ser judia, não deixou de acreditar em um mundo melhor. O caminho que ela escolheu para dar concretude ao seu sonho foi olhar para o futuro e ver que para se alcançar a felicidade a prioridade é a criança. Em um mundo carente de afeto e de entendimento, ela compreendeu que a paz entre os homens só pode ser alcançada quando os adultos olham para as crianças com amor e respeito e trabalham para a felicidade delas.

Jella Lepman acreditou, e nós continuamos acreditando, que a capacidade de registrar os pensamentos, as idéias, as angústias, os sonhos e as histórias de cada povo, sob a forma de narrativas, poemas e imagens, em livros para as crianças, é o caminho mais seguro para a busca do entendimento, que vai alimentar o diálogo entre as pessoas.

Neste ano do Jubileu do IBBY, paramos para olhar a história de Jella Lepman e da instituição que ela criou, e nos damos conta de que não existe nada igual no mundo unindo as pessoas em torno da promoção do livro de qualidade para a infância e a juventude.

(trechos de palestra de Elizabeth Serra, em Havana, Cuba, no Lectura 2001)



Jella Lepman, 1952

Quem hoje visita a Biblioteca Internacional da Juventude instalada no belo castelo renascentista de Schloss Blumenburg in Obermenzing, em Munique, fica deveras impressionado pela magnitude do trabalho que ali se realiza. Trata-se do maior acervo de livros destinados a crianças e jovens editados em todo o mundo, que recebe, em salas climatizadas, o tratamento técnico necessário para a perfeita organização de um Centro de Documentação e Pesquisa, no qual trabalham especialistas de diferentes países e vários estagiários.

Do outro lado, dando para os amplos jardins que circundam a bela construção, uma biblioteca aberta às crianças do bairro, que podem pegar os livros que desejarem e lê-los ao ar livre, quando o tempo permite, freqüentar oficinas de desenho e música, ou ainda brincar simplesmente perto do grande lago onde cisnes, patos e gansos nadam elegantemente. Escolares uniformizados visitam todos os dias os vários ambientes da biblioteca, acompanhados por funcionários atenciosos.

Vendo tantas atividades paralelas realizadas num ambiente espantosamente silencioso, o visitante, encantado, não pode

# Quatro séculos de leituras populares

Conferência de Roger Chartier no Rio de Janeiro <sup>1</sup>



FNLIJ  
Notícias

**N**o *Tesouro da Língua Castelhana ou Espanhola*, de Covarrubias (1611), o verbete “*carta*” enumera as seguintes definições: “*cartanova*”, em língua valenciana, as coplas ou relatos em prosa de algum acontecimento novo e notável, que os cegos e os charlatães e saltimbancos vendem pelas ruas e praças; “*cartilla*”, a folha onde estão escritas as letras do alfabeto, e por onde as crianças começam a ler; “*cartapel*”, a escrita longa, que junta folha com folha, sem virar a página, como os éditos que são fixados nas portas das igrejas, tribunais e lugares públicos; “*cartel*”, o escrito que é posto em tempo de festas pelos organizadores de justas ou torneios, ou jogos de anéis, aos pés do qual assinam os aventureiros, sendo que costuma chamar-se de cartaz também o libelo infamante fixado secretamente pelas esquinas. Colados ou pregados nas paredes, divulgados pelas ruas e praças, vendidos pelos cegos, utilizados pelos mestres, os textos impressos ou manuscritos chegam até os leitores mais populares do Século de Ouro.

Nos séculos XVI e XVII mesmo aqueles que não sabem ler podem ter acesso à cultura escrita como ouvintes das leituras em voz alta feitas por quem aprendeu o á-bê-cê. Cervantes representa semelhante transmissão dos textos no capítulo XXXII da primeira parte do *Quixote* (1605), onde o taberneiro *Juan Palomeque* evoca assim a leitura em voz alta de duas novelas de cavalaria, *Don Cirongilio de Tracia* e *Felixmarte de Hircania*, e de uma crônica, a *Historia del Gran Capitán Gonzalo Hernández de Córdoba*:

**“Quando é tempo da sega, se reúnem aqui para as festas muitos segadores, e sempre há algum que sabe ler, o qual pega um destes livros nas mãos, e o rodeamos mais de trinta e o estamos escutando com tanto gosto, que nem pensamos em preocupações.”**

Fica muito claro, então, que a forma “moderna” da leitura silenciosa e solitária não fez desaparecer as práticas mais antigas que ligavam o texto e a voz e permitiam a formação, pelo menos nas cidades, de um amplo público que “leu” os textos, escutando-os graças à mediação das vozes leitoras. O grande analfabetismo na Espanha do Século de Ouro não impedia esta modalidade de transmissão da cultura escrita, já que, como observa Margit Frenk (1997), “bastava que em uma família ou em uma comunidade houvesse *uma* pessoa que soubesse ler para que, virtualmente, qualquer texto pudesse ser desfrutado por muitos”.

Pouco tempo depois da invenção da imprensa, alguns tipógrafos e livreiros audaciosos entenderam que existia um amplo mercado para o escrito. É a esse público de leitores e ouvintes que dirigiram os novos gêneros impressos. Conquistar essa nova clientela “popular” – no duplo sentido da palavra: era numerosa e abarcava leitores humildes (artesãos, pequenos comerciantes, elites aldeãs) – pressupunha diversas condições: unir fórmula editorial que baixasse os custos de produção e, com isso, o preço de venda do livro ou livrete; a distribuição dos objetos impressos por vendedores ambulantes; e a feitura de um catálogo de textos susceptíveis de captar o maior número possível de leitores, inclusive os menos favorecidos.

---

<sup>1</sup> A editora FTD, comemorando 100 anos, procurando ressaltar a importância da leitura literária na formação do leitor, convidou a FNLIJ para organizar a **1ª Conferência FTD de Educação e Cultura**. Para essa conferência foi convidado o Prof. Roger Chartier, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França. Ele esteve no Rio de Janeiro, na Fundação Biblioteca Nacional, no dia 17 de outubro, em evento promovido pela FNLIJ/PROLER/editora FTD, apresentando uma conferência sobre o tema: “Leituras e leitores populares – séculos XV-XIX”, no Auditório Machado de Assis. Em São Paulo, também dentro desta programação dos 100 anos da FTD, no dia 22 de outubro, Roger Chartier, falou sobre “*Do Leitor ao navegador – Os desafios do novo mundo textual*”. No Notícias 3 estamos publicando a primeira parte da conferência do dia 17 de outubro. Em um próximo número, traremos a continuação. A tradução é de Márcia Filgueiras Gonçalves.

Suplemento  
Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 21

Foi assim que na Espanha uniu-se um objeto tipográfico – o caderno solto – e uma coletânea de textos em prosa ou verso (Infantes, 1992). A forma do caderno se define como uma folha de papel de imprensa dobrada duas vezes – ou seja, oito páginas no formato em quarto. Em um só dia de trabalho, uma prensa podia imprimir entre 1.250 e 1.500 exemplares de um caderno. Ajustada assim às estruturas da imprensa espanhola que contava com muitas gráficas que não dispunham de mais de uma prensa, a fórmula do caderno (que podia ser ampliada para até quatro folhas de imprensa, ou seja, trinta e duas páginas) impunha a escolha de textos cuja circulação podia assegurar. Tinham que ser pequenos, susceptíveis de grande difusão e pertencer a gêneros “populares” no duplo sentido, social e comercial, da palavra. Daí surgiu nos séculos XVI e XVII a preferência pelos romances – os relatos de acontecimentos, cuja produção anual se incrementou fortemente a partir da última década do século XVI – ou as comédias soltas. Esta ampla difusão dos cadernos permitiu a presença da escrita impressa na cultura do cotidiano – mesmo para os analfabetos ou mal-alfabetizados.

A partir do início do século XVI, os romances, compostos para serem cantados, como toda a poesia épico-lírica, começaram a circular em forma impressa, mas em duas modalidades muito diferentes. A primeira era formada pelas antologias, coleções, recopilações que tomavam a forma de cancioneiros e que incluíam várias dezenas ou centenas de romances. É provável que estas recopilações, cuja série começa com o “Cancioneiro Geral” de Hernando del Castillo em 1511, e que com bastante frequência levam o título de “Miscelânea de Romances”, se dirigiam a leitores socialmente favorecidos que pertenciam ao mundo das pessoas cultas. A segunda forma de circulação é a que constituía os livretes, cujo exemplo mais antigo data de 1510 e foi impresso em Zaragoza por Jorge Cocí.

Se num primeiro momento a fórmula impressa se ajustou à forma poética, posteriormente se constatou um movimento inverso. O primeiro repertório de romances impressos, o dos romances “velhos”, foi o resultado de escolhas feitas pelos livreiros editores da primeira metade do século XVI de dentro da tradição oral e manuscrita. Os romances “modernos”, que escreveram depois poetas letrados (Góngora, Lope de Vega) para leitores cultos, se submeteram às dimensões do livrete. O mesmo ocorre no século XVII com os romances de cego ou de cordel, dirigidos a um segmento popular e cuja composição era atribuída aos cegos que os vendiam, já que na Espanha eram as suas confrarias que possuíam o monopólio dos papéis públicos, determinados por uma decisão real de 1739, como “gazetas, almanaques, coplas e outros papéis de devoção e diversão que não excedam a quatro folhas” – “quatro folhas”, ou seja, a definição do caderno no formato em quarto.

O uso social dos romances se desdobra em uma ampla gama. Ingressaram profundamente na cultura do cotidiano graças à sua circulação impressa na forma de livrete: cantados, acompanharam o trabalho, o baile, a festa; decorados, proporcionaram um repertório de ditados e refrães; lidos, serviram para o aprendizado da leitura tanto quanto o foi a cartilha, à qual se refere o diálogo entre *Peribáñez* e *Casilda* na comédia de Lope:

“Amar e honrar seu marido  
é letra deste á-bê-cê,  
sendo boa pelo B,  
que é todo o bem que te peço”.

A circulação dos livretes poéticos, situada entre transmissão oral, impressão e retorno à oralidade, mostra claramente de que maneira um mesmo gênero pode dirigir-se a públicos diferentes, nutrir diversas formas de apropriação e suscitar usos bastante opostos.

Ao criar um novo público graças à circulação dos textos em todos os segmentos sociais, os livretes contribuíram para a divisão entre o “vulgo” (leitor ingênuo) e o “discreto lector” (leitor proficiente). Certo é que a categoria de “vulgo” não designava nem imediatamente nem exclusivamente um público “popular”, mas se utilizava para depreciar os leitores (ou espectadores) desprovidos de senso estético e competência literária. Entretanto, os verbetes do *Tesouro* de Covarrubias situam a palavra “vulgo” dentro de uma série de definições ou equivalências que caracterizam socialmente o “vulgo”: “vulgo”, a gente comum do povo; “poblacho”, a gente ruim, o vulgo; “ruin”, homem de mau trato, ou coisa que não é boa. Mediante a fórmula do duplo prólogo, que indicava a mesma obra ao “vulgo” e ao “discreto”, se estigmatizava a necessidade do primeiro e se louvava o conhecimento do segundo. Em 1599, Mateo Alemán, nos dois prólogos do *Guzmán*, se dirigia em primeiro lugar ao “vulgo”, declarando: “Não quero gozar o privilégio de tuas honras nem a generosidade de tuas lisonjas, quando com elas quiseres honrar-me, que o louvor do mau é vergonhoso. Prefiro a repreensão do bom, por ser o fim mesmo com que a faz, à tua estima depravada, pois inevitavelmente há de ser má”; enquanto que, pensando no “discreto” afirmava: “Não é necessário com o leitor hábil longos preâmbulos nem prolixas arengas: pois nem o desvanece a eloquência das palavras, nem o atinge a força do discurso mais do que é justo, nem estriba sua felicidade em que o alcance a benevolência. À sua correção me submeto, seu amparo peço e confio na sua defesa”.

No Século de Ouro, porém, o “vulgo” constituía o principal mercado tanto para os textos representados sobre o palco como para os romances, coplas e relatos publicados na forma de livrete e vendidos pelos cegos. É a existência postulada e comprovada desse “vulgo” como amplo público que comandava as estratégias da escrita e as decisões editoriais dos tipógrafos e livreiros. Proclamar a primazia do gosto sobre os preceitos define toda a estratégia argumentativa de Lope em seu livro “Arte nova de fazer comédias neste tempo” (1609). O texto está construído a partir de uma contradição fundamental entre a idéia negativa da capacidade de julgamento do “vulgo” e a afirmação da legitimidade das preferências do amplo público dos teatros. Enuncia assim o paradoxo:

“Quando hei de escrever uma comédia,  
enclausuro os preceitos com seis chaves;  
retiro Terêncio e Plauto do meu estúdio,  
para que não tenham voz, porque costuma  
dar gritos a verdade em livros mudos,  
e escrevo pela arte que inventaram  
os que o vulgar aplauso pretenderam;  
porque, como as paga o vulgo, é justo  
falar-lhe nesciamente para dar-lhe gosto.”

Não é muito fácil resolver a tensão entre “justo” e “gosto”, arte e aplauso, normas poéticas e êxito público. Pode-se supor em primeiro lugar que o dramaturgo tivesse plena consciência de que o público era constituído por muitos públicos, divididos e hierarquizados em função dos

segmentos e dos sexos entre a platéia, os camarotes, os balcões e a galeria das mulheres. A categoria do “vulgo” designaria então os distintos ouvintes que formavam o público do teatro em contraste com os doutos e letrados. Outra maneira de superar a contradição que atravessa o texto de Lope consiste em fazer finca-pé na primazia dos efeitos produzidos pela própria representação sobre os espectadores. Podia-se assim recuperar contra os doutos a referência a Aristóteles como o faz o editor da “Quarta Parte” (1624), quando afirma “que não há na Espanha nem preceitos nem leis para as comédias que satisfaçam o vulgo; máxima que não desagradou a Aristóteles, quando disse que o Poeta da fábula havia atingido seu objetivo se com ela conseguisse o apreço dos ouvintes”. Com semelhante retorno à autoridade poética, podia-se conciliar o êxito público com a excelência estética, medida pelo impacto da obra representada e não pela leitura do texto impresso. Voltando à sua obsessiva contabilidade textual, Lope escreve no fim de “Arte”:

“Mas, o que posso fazer, se tenho escritas  
com uma que acabei esta semana  
quatrocentas e oitenta e três comédias?  
Porque, fora seis, todas as demais  
pecaram contra a arte gravemente.  
Sustento, por fim, o que escrevi, e reconheço  
que, ainda que estivessem melhor de outra maneira,  
não teriam o apreço que tiveram,  
porque às vezes o que é contra o justo  
pela mesma razão deleita o gosto”.

Semelhante tensão entre a construção de um novo público leitor pela oferta impressa e as denúncias da divulgação corruptora da cultura escrita fundamentou as críticas contra a invenção de Gutenberg. O livreiro condenado ao inferno nos “Sonhos” de Quevedo (1627) indica ironicamente o temor e o rechaço dos “sábios” frente a uma circulação demasiado ampla dos textos:

**“Eu e todos os livreiros nos condenamos pelas obras ruins que fazem os outros, e pelo que barateamos os livros de romance e os traduzidos do latim, sabendo os tolos agora, com os livros, o que valorizavam em outros tempos os sábios, porque agora até o lacaio latiniza, e acharão Horácio em espanhol na estrebaria”.**

O diálogo que Lope de Vega imagina em *Fuenteovejuna* entre o lavrador *Barrildo* e o licenciado de Salamanca, *Leonelo*, ilustra a mesma desconfiança frente à multiplicação dos livros permitida pela invenção da imprensa – uma invenção recente no tempo dos eventos narrados na comédia e que ocorreram em 1476. *A Barrildo*, que louva os efeitos da imprensa:

“Depois que vemos tanto livro impresso,  
não há ninguém que de sábio não se presuma”,

*Leonelo* responde:

“Ao contrário, ignoram mais; sinto por isso,  
por não se reduzir a breve suma;  
porque a confusão com o excesso  
os intentos dissolve em vã espuma;

e aquele que de ler tem mais uso,  
de só ver letreiros está confuso”.

Segundo ele, a multiplicação dos livros se transformou em uma fonte de “confusão” mais que de saber, e a imprensa, com todo o “excesso” de livros que gerou, não produziu novos gênios:

“Sem ela muitos séculos se passaram,  
e não vemos que neste se levante  
um Jerônimo santo, um Agostinho”.

Multiplicando os exemplares, as edições baratas, as traduções nas línguas vulgares, a imprensa assegurou a difusão dos textos clássicos muito além dos meios restritos que costumavam lê-los na cultura manuscrita. Daí os possíveis proveitos dos editores e os temores das elites. Esta tensão caracteriza não somente o Século de Ouro, mas também, de maneiras distintas, cada época, já que sempre se opuseram a divulgação da cultura livresca, graças à atividade editorial, e a vontade de controlar, ou confiscar o poder do escrito, por parte dos dominantes.

Tal contradição, que não é específica da Espanha do Século de Ouro, fundamentou em outros países tanto os discursos que denunciavam a corrupção dos textos por leitores incapazes de entendê-los como a produção maciça de novos gêneros impressos dirigidos aos mais numerosos e humildes. É o caso da Inglaterra dos séculos XVI e XVII com as baladas (Watt, 1991). Estima-se em torno de três mil o número de títulos que foram publicados. Trata-se de textos de ampla difusão devido ao preço baixo, o que os colocava ao alcance dos mais modestos compradores. As baladas eram impressas em geral somente de um lado de uma folha de imprensa, de acordo com uma disposição regular na qual, desde cima até embaixo, figuravam o título, a indicação do tom em que devia-se cantar a balada, uma gravação em madeira e o texto poético, seja religioso ou profano, distribuído em duas colunas. Constituíram um grande mercado, progressivamente conquistado por livreiros especializados que estabeleceram quase um monopólio sobre o gênero.

Há que partir da própria materialidade das baladas para tentar reconstruir a maneira como eram “lidas” na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. Está claro que duas das indicações que o próprio objeto oferece nos distanciam da leitura solitária e silenciosa. Essas indicações sugerem em primeiro lugar uma leitura feita em comum: colocada numa parede, a balada pode ser lida em voz alta por aqueles que, mais bem alfabetizados que os demais, são capazes de servir de mediadores na leitura para os menos instruídos. Também demonstram, pela indicação do tom, que o texto foi feito para ser cantado, com ou sem acompanhamento instrumental, por músicos profissionais ou por ambulantes que, assim como os cegos na Espanha, não só as vendiam como também as cantavam para atrair compradores. Utilizando seu conhecimento da clientela mais popular e sua colaboração com os ambulantes, os editores das baladas estabeleceram no início do século XVII um novo comércio: o dos “chapbooks”, que diferenciava entre três tipos de impressos (“small books”, “double books”, “histories”) e em que cada um correspondia a um formato particular e determinado número de páginas. O repertório de que se apoderou esta nova fórmula editorial reutilizou, adaptou e às vezes abreviou textos antigos, cristãos ou profanos, que pertenciam a diversos gêneros e tradições.

O espírito humano tende, com frequência, para a nostalgia. Lamentar o que se perde com as modificações culturais parece ser um destino da espécie, esquecida do quanto lutou por aquelas mesmas transformações que deplora. Não havia televisão? Ah, as cadeiras à calçada, as saborosas conversas ao cair da tarde. Não havia computador? Ah, como liam as crianças e os jovens! Não havia celular? Ah, poder fugir dos chamados inconvenientes, em qualquer fim de mundo a cem quilômetros de uma grande cidade. Não havia imprensa? Ah, o mundo girando nas mãos dos poucos realmente aptos para ter idéias e poder divulgá-las. Como era bom o mundo, antigamente.

Ao servir à fixidez do mundo, a nostalgia faz da confiança na capacidade humana de transformar as circunstâncias de vida um sentimento incômodo. Se antes era sempre bem melhor, por que inventar o futuro?

É aí, na inviabilidade do assalto nostálgico, que Roger Chartier atinge o leitor ou aqueles que assistem a suas aulas ou conferências, tocados num lugar sensível e pouco explorado pelos cientistas sociais: o lugar da confiança na invenção do futuro.

Investindo na imprevisibilidade e na sabedoria da espécie, Chartier evidencia o movimento humano no que tem de mais rico e incontrolável: deslocamentos, criações, apropriações, reinvenções.

Como cientista, e sábio, não esquece que somos um sendo, refazendo constantemente a nós e ao mundo. E que o novo não extingue o antigo. E que não se vigiam todas as fronteiras por onde o novo pode ser invadido, tomado, apossado por aqueles que não eram – originariamente – os destinatários dos seus benefícios e prazeres.

O universo do escrito é um dos que melhor pode revelar essa fermentação: a imprensa não extingue o manuscrito, os analfabetos usufruem do material impresso que se torna acessível às camadas populares, o popular é um elemento de peso nas decisões editoriais, as elites perdem e reinventam formas de controle sobre o escrito, o popular se aprimora na invasão de terrenos considerados alheios, os suportes se modificam, as marcas de leitura do popular são buscadas por profissionais nos espaços adequados para reler, à luz dessas marcas, o curso da história.

As comunidades de leitores, caracterizadas por um repertório comum, mesmos códigos de interpretação, interesses de leitura orientados na mesma direção e semelhante relação física com o ato da leitura, trazem à consideração do estudioso elementos inusitados de avaliação e prospeção da presença da palavra escrita entre os povos, em temporalidades diversas.

Ao colaborar para a melhor compreensão do panorama sócio-histórico-cultural circunscrito à presença da palavra impressa, a palestra pronunciada por Roger Chartier, historiador e professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) propicia investimentos mais adequados nas ações que efetivem o acesso à palavra escrita – reconhecido hoje como um direito natural da espécie humana.

Nilma Gonçalves Lacerda <sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Nilma Gonçalves Lacerda foi contemplada com a bolsa Virtuouse, do Ministério da Cultura, com o projeto *Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina*, participando, no ano letivo de 2001-2002, de vários seminários na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, num programa de pós-doutorado que teve, como interlocutor e orientador, o historiador Roger Chartier.



Roger Chartier nasceu em Lyon em 1945. É *Directeur d'Études* na *Ecole des Hautes Etudes* em Paris e *Visiting Professor* na *Universidad de Pennsylvania* na Filadélfia. Seus principais livros em espanhol são *El Mundo como representación. Estudios sobre historia cultural*, Gedisa, 1992; *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Alianza, 1993; *El orden de los libros, Lectores, autores y bibliotecas en Europa entre los siglos XIV y XVIII*, Gedisa, 1994; *Espacio público, crítica y desacralización en el siglo XVIII. Los orígenes culturales de la Revolución francesa*, Gedisa, 1995; *El juego de las reglas: lecturas*, Fondo de Cultura Económica, 2000; *Entre poder y placer: Cultura escrita y literatura en la Edad moderna*, Cátedra, 2000; *Las revoluciones de la cultura escrita. Diálogo e intervenciones*, Gedisa, 2000.

## Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 21

Parte Integrante do *Notícias 3/2003*

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra

Fotolito e Impressão: Price Waterhouse

nem de leve suspeitar que essa magnífica instituição tenha nascido do sonho de uma mulher capaz de imaginar, olhando as ruínas de Munique, que as histórias escritas e publicadas nos diferentes países poderiam construir uma sólida ponte de amizade e compreensão mútua entre as crianças de todo o mundo.

No dia 29 de outubro de 1945, aos cinquenta e quatro anos de idade, Jella Lepman, alemã de origem judia, volta-va ao país onde nascera, a bordo de um avião militar americano, trajando uniforme de major.

A missão para a qual tinha sido escolhida, na Embaixada americana em Londres, onde trabalhava, era a de conselheira para questões relativas à mulher e à infância. Em suas memórias, ela diz que aceitou o desafio de voltar à Alemanha ao término da guerra porque sabia que as crianças não eram culpadas pelos crimes cometidos pelos adultos.

Entre os escombros de Munique destruída, ela observava os meninos perambulando sem objetivo e começava a construir sua utopia de criar laços entre nações através dos livros e em busca de paz. Como mulher prática que era, não traçou grandes planos, nem teorizou sobre os objetivos que desejava alcançar, mas simplesmente redigiu uma carta, enviada a diversas embaixadas, expondo a situação das crianças de Munique e pedindo que mandassem livros de seus respectivos países. Prontamente atendida, ela conseguiu ajuda para organizar uma exposição com esse material, que aumentava a cada dia, e por entre as ruínas da cidade pôde dar, às crianças e a seus pais, a visão de uma terra de paz com muitas imagens de outras culturas e histórias diversas em vários idiomas.

No dia 3 de julho do ano seguinte, a exposição era inaugurada graças ao trabalho do pessoal da Biblioteca de

Munique, que organizou como pôde a grande quantidade de livros recebidos, ajudado por alguns especialistas estrangeiros que vieram acompanhando as doações.

A abertura foi festiva, com Jella Lepman em seu belo uniforme, representantes da Cidade, do Comando da Base americana, o diretor da biblioteca e Erich Kästner, o mais importante autor alemão da época, amigo de Jella e que a apoiou em todos os momentos. O sucesso foi tão grande que no ano seguinte a exposição foi apresentada em Hamburgo.

Mrs. Lepman, como gostava de ser



Abertura do Congresso do IBBY em Florença, 1958.

chamada, sonhava mais alto. Com sua tremenda energia e capacidade de convencimento conseguiu que uma bela casa, que resistira aos bombardeios, fosse cedida pelo governo da Baviera para a criação de uma Biblioteca Internacional da Juventude. Situada no meio de um parque em Kaulbachstrasse, 11, recuperada e montada com recursos da Fundação Rockefeller e da Cidade de Munique, a biblioteca começou a funcionar em 1948 para alegria de crianças e adultos. Além dos livros de seu acervo, que continuava a crescer, havia hora do conto, oficina de desenho e de música e a presença constante de autores e ilustradores que vinham conhecer o

trabalho de Mrs. Lepman e conversar com os frequentadores sobre suas obras.

A idéia de criar laços entre nações através dos livros para crianças em busca de paz universal era, no entanto, maior do que uma biblioteca e Jella Lepman começou, já em 1949, a trabalhar para sua realização. Muitas conversas com Erich Kästner e Richard Bamberger, professor austríaco, delinearam o que viria a ser o International Board on Books for Young People (IBBY), criado formalmente em 1953, em Zurique e em congresso realizado de 1 a 4 de outubro, com a participa-

ção de representantes de 21 países e com ajuda da UNESCO, da Alemanha, Áustria e Suíça. O pensamento de Jella Lepman, que já então residia em Zurique, não se fundamentava em teorias literárias, mas sim no ideal da paz que ela advogava com paixão. Para concretizar os seus sonhos ela não dava importância à burocracia: o importante era fazer, e fazer logo. Com esse sentido prático ela encorajou estudos sobre a literatura para crianças e jovens e a difusão em escala internacional dos livros infantis foi uma consequência de sua determinação e coragem.

continuação na página 12

# Prêmio Jabuti divulga os finalistas em 2002

Divulgamos neste número do Notícias os finalistas do Prêmio Jabuti, um dos maiores prêmios literários do país, criado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), nas Categorias “Infantil e Juvenil” e “Ilustração Infantil e Juvenil”. Os vencedores serão conhecidos durante a 17ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que será realizada de 25 de abril a 5 de maio, no Centro de Exposições Imigrantes.

## Categoria - Infantil e Juvenil

Título	Autor	Editora
A menina da varanda	Leo Cunha	Record
Declaração universal do moleque invocado	Fernando Bonassi	Cosac&Naify
Mania de explicação	Adriana Falcão	Salamandra
Meninos do mangue	Roger Mello	Cia das Letrinhas
O fazedor de amanhecer	Manoel de Barros	Salamandra
O gato que falava siamês	Marco Túlio Costa	Record
O Mário que não é de Andrade	Luciana Sandroni	Cia das Letrinhas
O menino e o arco-íris	Ferreira Gullar	Ática
O tamanho da felicidade	Angélica Bevilacqua	Mercuryo Jovem
Os príncipes do destino – histórias da mitologia afro-brasileira	Reginaldo Prandi	Cosac&Naify
Perto dos olhos, perto do coração	Fátima Miguez	DCL
Seu vento soprador de histórias	Fátima Miguez	Manati

## Categoria - Ilustração Infantil ou Juvenil

Título	Ilustrador	Editora
A Lenda do Dia e da Noite	Rui de Oliveira	FTD
Agbalá, um lugar-continente	Marilda Castanha	Formato
Clave de Lua	Eliardo França	Paulinas
De bem com a vida	Mariana Massarani	Manati
Estrela Cor de Rosa	Suppa	Globo
História em Quadrões	Mauricio de Sousa	Globo
Jardins	Roger Mello	Manati
Mania de explicação	Mariana Massarani	Salamandra
Meninos do mangue	Roger Mello	Cia das Letrinhas
O sapo voador	Fabiana Arruda	Hedra

# RECOMENDAÇÕES

## *MENINOS DO MANGUE*, DE ROGER MELLO (RIO DE JANEIRO, CIA. DAS LETRINHAS, 2001)

Ele é um ilustrador de livros de mão cheia. Já recebeu tantos prêmios que em alguns concursos, como o Prêmio FNLIJ de “Melhor Ilustração”, já é considerado *hors-concours*...

E quem disse que sossegou? Sua inquietude e criatividade o impeliram para novas buscas estéticas. O escritor/ilustrador Roger Mello nos ofereceu textos preciosos como *Uma história de boto-vermelho* (Ed. Salamandra), *Maria Teresa*, *Bumba meu Boi Bumbá* e *Cavalhadas de Pirenópolis* (publicados pela Ed. Agir).

Mas Roger Mello continuou buscando... Suas narrativas e imagens se voltam para a nossa riquíssima cultura popular. Contudo, ele não se contenta em recontar o mito, a lenda, a tradição. Cria novas histórias, inventa imagens novas, pesquisa temas e vai revolvendo este “caldo cultural” que alimenta o imaginário de nossa gente.

E é deste “caldeirão de idéias” que surge *Meninos do mangue*.

A gente olha o título do livro e as fantásticas ilustrações e pensa: “Ah! Uma história sobre meninos que vivem no mangue, catando caranguejos... Será uma crítica social? Deve ser bem interessante...”

Pois é... Ainda temos essa mania de separar as coisas, catalogar, botar etiquetas...

É melhor você se esquecer de tudo isso, leitor. Nesta fábula moderna criada por Roger Mello – que pode ser chamada de fábula, mas que é quase uma alegoria – não dá para colocar etiquetas. O texto de Roger transcende as catalogações, ele é plural, ele é múltiplo!

Sorte e Preguiça, dois personagens tão brasileiros, estão “pescando” histórias nas águas lamacentas do mangue... E quanta história vem à tona!

Com a linha interminável da fantasia e da arte, tudo o que “pescam” é fascinante. E vão surgindo os mais diversos tipos de narrativa, desde uma simples aposta até uma receita de fritada de aratu...

Por falar nisso, você sabe o que é aratu?

Além da receita, esta coisa que dá água na boca e até “engana a fome”, a Preguiça, porque perdeu a aposta, tem que contar muitas

outras histórias. Na verdade, terão que ser oito, uma para cada pata do siri.

Número mágico, este tal de oito. Preguiça, com seu jeito irreverente de Macunaíma, vai desafiando “causos”. Fábulas, cartas de amor, brincadeiras de criança, cantigas de trabalho, histórias cumulativas, anedotas, adivinhações, sabedoria popular... Tudo vira

história, naquele jeito que herdamos de uma tal de Sherazade de ir emendando uma história com outra, numa mistura de linhas e enredos. É a história que mata a fome dos catadores de siri e de aratu. E mata, ou melhor, faz viver a nossa fome de sonho, pois descobrimos que é possível “pescar” fantasia mesmo em águas escuras e barrentas, mesmo nestes tempos entristecidos e estranhos, que em nada lembram aqueles sonhos e esperanças que antecederiam este novo milênio.

Deixa para lá, vamos nos juntar à Sorte e à Preguiça...

No meio do mangue, os personagens de Roger também pescam um conto etiológico – aqueles contos que são inventados para explicar o porquê das coisas”. Neste texto, ao mesmo tempo

divertido e lírico, é que vamos descobrir porque existe a “maré alta” e a “maré baixa”.

Para completar este papo sobre o livro, vamos “pescar” esta fala da ilustradora Graça Lima:

“Considero *Meninos do Mangue*, do Roger Mello, um primor de texto e imagem. As ilustrações, feitas sobre plástico preto com cores bem brasileiras, possuem uma força gráfica surpreendente. Temos a sensação do emaranhado colorido do lixo que se vê por entre as habitações do mangue, mas visto de forma poética. O projeto gráfico é arejado e moderno, fazendo um contraponto com o texto. O texto é composto de várias histórias onde os dois personagens, a Sorte e a Preguiça, fazem uma aposta e inventam várias histórias bem-humoradas e muitas vezes inusitadas.” ■





# Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY, é tema de jornais brasileiros

O prêmio mais expressivo de literatura para crianças e jovens – o Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY – tem sido comentado pelos jornais, o que mostra o interesse despertado pela produção editorial brasileira e por nossos escritores de literatura infantil e juvenil.

O Prêmio Andersen, considerado o “Nobel” da literatura para este público leitor, oferecido a cada dois anos pelo International Board on Books for Young People – IBBY, instituição internacional com sede na Suíça, foi criado em 1956. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira do IBBY, é que indica os candidatos brasileiros: os escritores, desde 1966, e também os ilustradores, a partir de 1986.

O Brasil é o único país latino-americano a obter por duas vezes o Prêmio HCA, com as escritoras Lygia Bojunga, em 1982, e Ana Maria Machado, em 2000.

Em 2002, o júri, formado por especialistas em literatura de diversos países membros do IBBY, reúne-se na Basileia, Suíça, no início de abril. E teremos uma brasileira como membro do júri: Laura Sandroni, do Conselho Diretor da FNLIJ.

Os brasileiros indicados para o Prêmio em 2002 são a escritora Ruth Rocha e o ilustrador Nelson Cruz. Dois jornais brasileiros de grande circulação já divulgaram esta indicação, tão significativa no cenário cultural de nosso país. Registramos aqui, em nosso informativo, estas notas e reportagens, aguardando que venham muitas outras:

Na coluna de Ancelmo Gois, no Jornal *O Globo*, de 2. 1. 2002, encontramos o registro da candidatura de Ruth Rocha e Nelson Cruz.

O jornal *O Estado de Minas*, de 5. 1. 2002, traz uma reportagem de 2 páginas, no Caderno Cultura, sobre a indicação do ilustrador mineiro Nelson Cruz. O jornalista Walter Sebastião comenta que pela terceira vez um ilustrador de Minas Gerais é indicado para o Prêmio Andersen, uma vez que já concorreram, em anos anteriores, Angela Lago (1994) e Marilda Castanha (2000). Também dá grande destaque ao trabalho do artista Nelson Cruz, reproduzindo ilustrações de seus livros, comentando sobre sua obra e sobre a apresentação feita por Ziraldo, também mineiro, para a candidatura de Nelson.

“Nelson Cruz é, no momento, o melhor ilustrador brasileiro, principalmente no que se refere a livros para crianças e jovens. É justamente no momento em que a ilustração no Brasil atinge o seu ponto de amadurecimento (...)”

“Nelson deve ser um grande contador de histórias, como são os que herdaram a alma de Minas. Por essa razão, a sua pintura sempre foi narrativa. Estas influências foram muito fortes em seu trabalho, determinam sua escolha, levando-o para dentro de seus livros, que abrimos para o prazer da contemplação do belo.”

(Trechos da apresentação de Ziraldo para a candidatura de Nelson Cruz ao Prêmio Andersen de Ilustração)

No mesmo jornal, com o título “Glória para uma escritora”, Walter Sebastião fala sobre a candidatura de Ruth Rocha, destacando que, para a autora de *Marcelo, marmelo, martelo* e tantos outros “clássicos” de nossa literatura infantil: “Ser indicada ao Prêmio Hans Christian Andersen é como ser indicado ao Oscar. É uma glória! Não precisa ganhar, só estar participando já é ótimo!”

É tempo de vermos a mídia dando destaque à nossa produção de literatura para crianças e jovens, que tantas conquistas tem obtido no próprio país e no exterior. Se o futebol já não traz tantos troféus como antes, a literatura, a música, o cinema vêm nos trazendo muitas alegrias, que pouca ou nenhuma divulgação recebem nos órgãos da grande imprensa. ■

## Jornal do México divulga a literatura para crianças e jovens brasileira

O jornal *El Informador*, do México, publicou dois artigos registrando a participação de escritores, especialistas e representantes de instituições culturais na Feira Internacional de Livros, no México, em novembro de 2001, quando o Brasil foi o país homenageado.

No dia 1/12/2001, este periódico comentava sobre os escritores brasileiros, citando Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Luciana Savaget e Rogério Andrade Barbosa

Também foram citados, neste jornal, os comentários de Elizabeth Serra (FNLIJ/PROLER) sobre o trabalho dos editores brasileiros e sobre os programas de incentivo à leitura que são desenvolvidos em nosso país pelo Ministério da Educação.

O dia 2 de dezembro, *El Informador* destacou novamente o apoio que o Governo brasileiro vem dando aos projetos de leitura, por meio dos Ministérios da Cultura e da Educação. ■

# A literatura para crianças e jovens ganha espaço na mídia

No Caderno 2 do jornal *O Estado de São Paulo*, no dia 23 de dezembro de 2001, foi publicado um artigo sobre o livro *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens* (Editora Global, 2001). O livro foi organizado por Elizabeth D'Angelo Serra e contém as palestras feitas durante o II Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, no 12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, realizado em Campinas, SP, em julho de 1999.

O título da matéria do “Estadão” é “Questões que os livros levam para os pais”. O autor, Haroldo Ceravolo Sereza, tomou como ponto de partida uma das preocupações que afligem os pais, quando procuram, nas livrarias ou bibliotecas, livros que possam ser lidos por seus filhos: “O que deve caracterizar, do ponto de vista ético e estético, um livro para o público infantil e juvenil?”

As respostas e também as reflexões para essa e outras perguntas estão presentes nos textos de *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens*, escritos por Helena Rodarte, Laura Sandroni, Nilma Gonçalves Lacerda, Ninfa Parreiras, Vânia Rezende e Emilia Gallego, especialistas da área de Literatura Infantil que participaram das mesas redondas do II Seminário, bem como nas intervenções das congressistas Andréia Borges Leão, Edilma Luz e Maria Aparecida Teodoro. Também estão nos depoimentos colhidos pelo autor da reportagem junto a escritoras como Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Tatiana Belinky.

Para Nilma Gonçalves Lacerda, citada no artigo de Haroldo Sereza: “Temas como morte, preconceito, guerra, suicídio, assassinato, tirania não têm por que estar ausentes dos livros destinados a crianças e jovens. A vida não é cor-de-rosa e as crianças o sabem. O mundo não é de cordeiros, elas também o sabem, e experimentam tanto a posição desses, quanto a do lobo que se evidencia na sua crueldade, ou vem a disfarçá-la, fazendo-se carneiro entre carneiros.”

Essas palavras de Nilma podem ser confirmadas observando as obras de escritores brasileiros contemporâneos, dedicadas aos leitores mirins, nas quais temas como

seqüestros, morte de pessoas queridas, problemas familiares e outros “assuntos de gente grande” estão presentes. Dessa constatação surge o tema da reportagem: *Todo assunto é assunto de criança*.

Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Edith Modesto também comentam sobre a necessidade de não “filtrar” a realidade que é mostrada às crianças e aos jovens nos livros de literatura. E Haroldo Sereza complementa: “(...) quando se leva um livro a uma criança, é preciso evitar que a ‘censura familiar’ acabe por construir um mundo em que a literatura é apenas cor-de-rosa, distante da realidade.”

Mas um problema também surge na escolha de um livro para o público jovem: o da qualidade. “Como saber se o livro é bom?”, é a outra pergunta presente no texto do “Estadão”.

O autor do artigo responde com as palavras de Elizabeth Serra, Secretária Geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e organizadora do livro que está sendo comentado: “Um dos problemas que os pais que podem comprar livros enfrentam é a falta de referências nos jornais e revistas sobre os livros infanto-juvenis. Os cadernos de literatura, por exemplo, só tratam de literatura para adultos; resenhas sobre livros infantis são raras”.

Onde buscar referências quando o assunto é qualidade? A reportagem do Estadão destaca o trabalho da FNLIJ, que avalia, anualmente, cerca de 800 títulos. Elizabeth Serra comenta, na reportagem: “No site da organização ([www.fnlj.org.br](http://www.fnlj.org.br)), há uma lista de obras *Altamente recomendáveis* para crianças e jovens, além de outra, elaborada para o Ministério da Educação, para o Programa Nacional Biblioteca da Escola. Os livros recomendados pela FNLIJ (alguns incorporam, em edições subsequentes, o selo da entidade) ajudam os pais a compor um parâmetro para avaliar novos livros”.

Mas é claro que isso não é o bastante: “O pai tem de ser um leitor ele mesmo; essa é uma relação que permite não apenas a troca de conhecimento, mas também de afeto”, afirma a organizadora de *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens*.

É importante sabermos que a literatura infantil e juvenil que é produzida em nosso país vem conquistando espaço na mídia brasileira. Duas autoras de livros para crianças e jovens foram vencedoras do prêmio Hans Christian

Andersen, do IBBY, considerado o “Nobel” deste gênero: Lygia Bojunga, em 1982, e Ana Maria Machado, em 2000. Além destes prêmios internacionais tão significativos, os livros de autores brasileiros – como Ruth Rocha, Rogério Andrade Barbosa, Eliardo e Mary França – vêm sendo traduzidos para outros idiomas, atestando a qualidade dos textos e das ilustrações dos nossos artistas da palavra e da imagem. No entanto, comprovando o dito popular: “Santo de casa não faz milagre”, ainda é raro vermos reportagens como essa do “Estadão”, nas quais se discute de forma lúcida e instigante questões específicas do universo da literatura para crianças e jovens, apresentando referenciais tão significativos para os pais e professores que se preocupam com a formação de jovens leitores.

---

Este é o link da matéria do “Estadão” e que foi reproduzida em outros jornais do Brasil. <http://www.estado.estadao.com.br/jornal/01/12/23/news058.html>.

O livro *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens* também foi divulgado em:

*O Estado de S. Paulo*: Chamada na primeira página do caderno CULTURA que circula aos domingos, mais matéria na página 5 do mesmo caderno;

- *Folha do Estado do MT* (nota);
- *Gazeta da Zona Norte* (circula no bairro de Santana e toda a Zona Norte de São Paulo);
- *Jornal da Cidade de Bauru* (reproduziu a matéria do Estadão);
- *Gazeta de Alagoas* (reportagem de página inteira, mais a foto da capa do livro e o texto do release);
- *O Diário de Mogi das Cruzes* (reproduziu a matéria do Estadão);
- *Correio da Bahia* (nota);
- *Correio do Estado* - Campo Grande;
- *O Liberal* - Americana (interior de S. Paulo – reproduziu a matéria do “Estadão”);
- *Tribuna da Imprensa* - RJ (nota)
- *Jornal da Paraíba* (Campina Grande – reproduziu a matéria do “Estadão”)

(Fonte: Divulgação da Editora Global) ■

# Expedição Vaga-Lume visita a FNLIJ

No dia 28 de janeiro recebemos a visita de uma jovem paulista, Sylvia Guimarães, formada em História, apaixonada e preocupada com as questões sociais do Brasil. Ela é coordenadora de uma ONG (Projeto Anchieta) ligada à educação e ao assentamento urbano na periferia de São Paulo e leciona Estudos Sociais e Teatro para adolescentes de baixa renda.

Sylvia, junto com duas amigas – Laís e Maria Teresa – criaram um projeto chamado “Expedição Vaga-lume”, que é um projeto educacional e consiste em levar livros infantis e juvenis e implantar “sementes de bibliotecas” na Região Amazônica. O acervo, que conta com 300 títulos infantis e juvenis, será adquirido com os recursos do patrocínio – Finaustria e Amazônia Celular –, e apoio da Força Aérea Brasileira, Instituto Ecofuturo e Casa de Livros – e serão também encaminhadas estantes para o armazenamento dos livros, que estão sendo produzidas pelos detentos do Presídio Metropolitano de Marituba, Pará.

Ao longo de nove meses, as três jovens estarão levando o acervo e as estantes e desenvolvendo oficinas de treinamento de professores em vinte e duas comunidades da região Norte do Brasil. Ao todo serão implantadas 36 bibliotecas, sempre em escolas públicas de Ensino Fundamental, situadas em pequenas comunidades de difícil acesso e baixo índice de desenvolvimento. As escolas contempladas deverão funcionar como pólos multiplicadores da experiência, estendendo o acesso à biblioteca para as escolas do entorno.

Sylvia ficou encantada, quando expusemos os projetos de implantação de bibliotecas e o trabalho desenvolvido pela FNLIJ, ao longo dos seus 34 anos. Da mesma forma, nós também nos apaixonamos pelo espírito aventureiro e desbravador das três jovens. Como elas vieram pedir apoio à FNLIJ para o projeto, tanto na doação de materiais relevantes para as bibliotecas quanto na indicação de agentes ligados ao incentivo à leitura na região Norte, enviamos 26 pacotes com alguns materiais de apoio para os adultos das comunidades atendidas, sobre literatura para crianças e jovens e promoção de leitura, que havia em duplicata na FNLIJ.

A Casa da Leitura também enviou a lista dos Comitês do PROLER da região atendida pelo projeto.

Elizabeth Serra aproveitou a oportunidade para sugerir que mudassem, no material promocional, a afirmação de que “o projeto consiste na implantação de bibliotecas na Região Amazônica” tendo em vista que o projeto não prevê uma orientação para a organização das bibliotecas a serem montadas, e a preocupação da FNLIJ é fortalecer o conceito de biblioteca.

Foi sugerido, por exemplo, que escrevessem que estão instalando sementes de biblioteca. Este é o nome de um projeto criado pela FNLIJ para constituição de acervos nas escolas, quando ainda não há condição de assumirem o nome “biblioteca”. Elas agradeceram a idéia e vão repensar o nome, e principalmente, a idéia do projeto.

Aproveitamos o Notícias para parabenizá-las, desejar sucesso e mostrar nosso reconhecimento pelo trabalho desenvolvido. ■

# Literatura infantil e juvenil terá página dupla, mensalmente, no *Jornal do Brasil*

Um espaço onde circulam “idéias” não poderia deixar de incluir em sua pauta a literatura infantil e juvenil produzida pelos escritores e ilustradores brasileiros. A produção editorial para este público vem crescendo a cada ano, e alguns livros têm se tornado verdadeiros *best-sellers*, como aconteceu recentemente com o “fenômeno” Harry Potter, uma criação da escritora inglesa J.K. Rowling (no Brasil, os livros foram traduzidos e publicados pela Editora Rocco).

Mas os livros dos autores brasileiros também são destaques em vendas, como *O Menino Maluquinho*, do nosso querido Ziraldo, publicado pela Editora Melhoramentos.

O Notícias registra com satisfação a importância de o Caderno Idéias, do *Jornal do Brasil*, divulgar mensalmente, em página dupla, resenhas e avaliações de escritores e especialistas sobre os livros de literatura dedicados aos meninos e meninas brasileiros. Reproduzimos a carta de Elizabeth Serra a Cristiane Costa, do JB, em 4/3/2002, elogiando esta iniciativa:

*Cristiane,*

*Vimos parabenizá-la pela conquista obtida quanto à publicação mensal da página dupla para a literatura para crianças e jovens, no caderno Idéias do JB, sob sua responsabilidade.*

*Acompanhamos já há muitos anos o seu interesse e empenho para que esses livros ocupem o lugar de importância que lhes cabe na mídia impressa, considerando a produção editorial brasileira do setor (3 vezes maior que a de literatura para adultos). Trata-se, certamente, de um serviço de utilidade pública. Pais e professores, para poderem orientar a leitura de seus filhos e alunos, precisam estar informados sobre a imensa produção anual de novos títulos (até em excesso) do setor, lançamentos, reedições e destaques. A leitura de livros de literatura é o campo fértil para semear uma educação de qualidade que queremos para as crianças e jovens brasileiros. Desejamos vida longa e ocupação de mais espaços no próprio Caderno Idéias, com em outros espaços do JB.*

*Atenciosamente,*

*Elizabeth D'Angelo Serra Secretária Geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil-FNLIJ e Membro da Comissão Coordenadora do Programa Nacional de Incentivo à Leitura-PROLER ■*

# Publicações internacionais e nacionais sobre literatura infantil e juvenil

A FNLIJ tem recebido diversas publicações, internacionais e nacionais, enviadas por bibliotecários, professores, órgãos culturais e instituições voltados para a literatura e/ou para a promoção da leitura em nosso país e no exterior.

Estamos registrando o recebimento destes informativos, agradecendo este intercâmbio cultural, sempre tão proveitoso.

## BOOKBIRD, A REVISTA DO IBBY, APRESENTA ALGUNS DOS PALESTRANTES DO 28º CONGRESSO

A revista do IBBY (vol. 39, n. 4), além de excelentes artigos e reportagens, traz os nomes e um currículo resumido dos palestrantes do 28º Congresso, quando será comemorado o 50º aniversário da instituição. Os temas principais deste evento mundial serão debatidos por seis personalidades de renome no universo da literatura infanto-juvenil – autores, editores, livreiros e professores – da Suíça, Bulgária, Brasil, Estados Unidos, Irã e Noruega.

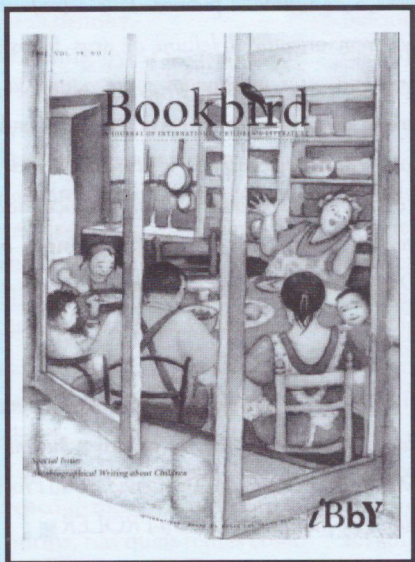
O Brasil está representado pela escritora Ana Maria Machado, Prêmio Andersen 2000, que abordará em sua palestra: “Os livros para crianças como uma ponte entre adultos e crianças”.

O escritor Jostein Gaardner, autor de *O mundo de Sofia*, best-seller publicado em 1995 e que encantou milhões de leitores em todo o mundo (no Brasil, foi editado pela Cia. das Letras) também será um dos palestrantes e abordará o tema: “Livros para um mundo sem leitores?”.

Conheça e assinhe Bookbird, uma revista voltada para a literatura para crianças e jovens, em nível mundial!

Para assinar, envie um e-mail para [ibby@eye.ch](mailto:ibby@eye.ch) ou consulte o site: [www.ibby.org](http://www.ibby.org)

Este e outros números de Bookbird podem ser encontrados, para a consulta dos associados, no Centro de Documentação (CEDOP) da FNLIJ.

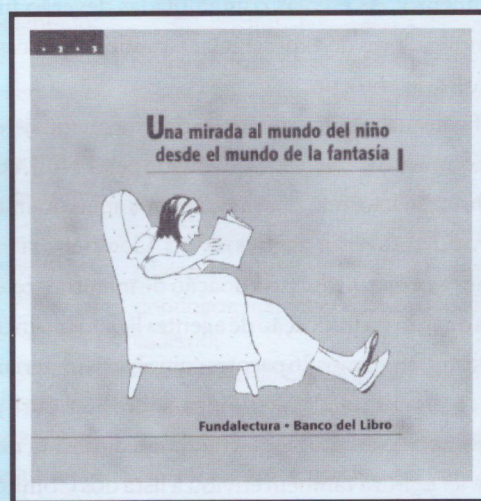


## BANCO DEL LIBRO, O IBBY DA VENEZUELA, DIVULGA SUAS PUBLICAÇÕES

O Catálogo de publicações do Banco del Libro reflete uma experiência de mais de 40 anos desta instituição, no campo dos livros para crianças e jovens, e também na área de promoção da leitura.

Os interessados em conhecer estas publicações podem solicitar este Catálogo pelo site: [www.bancodelibro.org.ve](http://www.bancodelibro.org.ve)

No CEDOP/FNLIJ pode ser encontrada, ainda, uma edição em 3 volumes, numa parceria entre o Banco del Libro (IBBY Venezuela) e a Fundalectura (IBBY Colômbia), com excelentes artigos sobre leitura, literatura para crianças e jovens e formação de leitores.



## PUBLICAÇÕES NACIONAIS RECEBIDAS

*Correinho das Artes* – Suplemento Infanto-Juvenil do Jornal “A União”, de João Pessoa, na Paraíba. A edição do mês de outubro homenageava o escritor José Lins do Rego e também os professores e as crianças. Na página “O prazer da leitura”, Neide Medeiros apresenta interessantes resenhas dos livros que recebe através da FNLIJ. Neide pretende ampliar este espaço, criando um Suplemento Literário, iniciativa que esperamos já tenha se tornado realidade.

*Lembretes* – Informativo Literário, publicado no Rio de Janeiro, que tem como editor Domingo Gonzalez Cruz, traz resenhas, comentários de poesias e crônicas. Domingo Gonzalez é um dos votantes da FNLIJ.

# I Bienal do Livro de Petrópolis e Região Serrana

Tendo como tema “A cidade de Petrópolis e os 100 anos da Editora Vozes”, foi realizada de 8 a 17 de março de 2002, no Palácio Quitandinha, a I Bienal do Livro de Petrópolis.

Para a realização da Bienal, a Prefeitura Municipal de Petrópolis teve como parceiros a Fundação Cultural Petrópolis, a AREERJ - Associação de Representantes de Editoras do Estado do Rio de Janeiro e a Editora Vozes.

Ao todo são 217 eventos culturais e vários shows de música brasileira.

A FNLIJ esteve presente no evento: Maraney Freire, do Centro de Documentação da FNLIJ, ofereceu a professores e bibliotecários uma oficina: “Biblioteca na escola”, no dia 14/3.

Elizabeth Serra, representando a FNLIJ e também como

coordenadora do PROLER, participou da mesa-redonda “Leitura e Literatura Infantil”, juntamente com o ilustrador Claudius Ceccon e a escritora Ana Maria Machado.

O evento foi um sucesso de público. No Café Literário aconteceram diversos encontros com autores, contando com a presença de Ziraldo, Ana Maria Machado, Rogério Andrade Barbosa, Luciana Savaget, Luciana Sandroni, Leonardo Boff, Elias José e muitos outros.

Os visitantes puderam também conhecer melhor a Editora, por meio da Exposição “Editora Vozes - Fatos e Fotos”, mostrando este trabalho editorial tão significativo para a educação e a cultura em nosso país. ■

## Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, abre as portas de suas bibliotecas à comunidade

A biblioteca da Universidade Estácio de Sá, como um presente para os cariocas no dia do aniversário da cidade do Rio de Janeiro, decidiu abrir as portas de suas bibliotecas para a comunidade, permitindo, inclusive, o empréstimo de livros.

Elizabeth Serra, entusiasmada com essa iniciativa, enviou, em nome da FNLIJ, uma carta para aos jornais, parabenizando a Universidade, que transcrevemos em nosso informativo:

“Belíssimo presente por sua utilidade e necessidade para a formação continuada de crianças, jovens, adultos e idosos. Este gesto só pode vir daqueles que entendem que justiça social e democracia compreendem, além dos direitos à educação, à saúde, à moradia, ao trabalho e ao lazer, o acesso ao conhecimento, científico e artístico, registrados nos livros. Além da garantia do direito à escola, as crianças e os jovens brasileiros devem ter acesso à produção cultural que está nos livros para poderem continuar exercendo o importante direito de ler e escrever bem. Anísio Teixeira afirmou: “As bibliotecas antecedem, em verdade, à escola”.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil-FNLIJ – instituição privada, sem fins lucrativos, criada em 1968 e pioneira, no Brasil, na promoção da leitura e na divulgação de livros de qualidade para crianças e jovens – tem procurado divulgar em todas as suas ações a importância das bibliotecas e o do trabalho dos bibliotecários. E o Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER, da Fundação Biblioteca Nacional / Ministério da Cultura, que completa, no próximo mês de maio, 10 anos de existência,

organizou uma rede nacional de promoção da leitura, defendendo a abertura das bibliotecas particulares para a comunidade, tais como as das universidades, empresas e outras, como estratégia nacional para suprir a grave falta que as bibliotecas fazem em nosso país, no que se refere à melhoria da qualidade de vida da população.

Apesar das mais de 1.500 novas bibliotecas públicas criadas, nos últimos 6 anos, pela Secretaria do Livro e da Leitura, do Ministério da Cultura (que aumentou o número de bibliotecas, passando de aproximadamente 3.500 para 5.000), ainda é muito pouco para a necessidade da sociedade. Urge pois, duplicar esse número. Uma das formas de recuperar o tempo perdido é este escolhido pela Universidade Estácio de Sá: abrir as portas das bibliotecas, cujo uso é restrito àqueles que estão matriculados na instituição, para a comunidade.

E por ser este um ato pioneiro, espero que outras universidades particulares e públicas, colégios particulares e públicos, instituições e empresas façam o mesmo, convidando a população ao convívio com os livros e com o conhecimento. Faço votos de que as bibliotecas da Estácio possam oferecer, sempre, um acervo variado, de qualidade e atualizado para seus alunos e novos usuários, bem como procurem manter uma equipe de funcionários preparados para a importante função social da biblioteca.”

Elizabeth Serra – Secretária Geral da FNLIJ e membro da Comissão Coordenadora do PROLER. ■

# Prêmio Norma/Fundalectura - 2002

O Grupo Editorial Norma e a Fundación para el Fomento de la Lectura – Fundalectura, seção do IBBY da Colômbia, promovem o Prêmio Latino-americano de Literatura Infantil y Juvenil Norma-Fundalectura. Para selecionar o escritor vencedor do ano de 2000, foram convidados como membros do júri Elisa Boland, da Argentina, Maria Elena Maggi, da Venezuela, Elizabeth Serra, do Brasil, María Candelaria Posadas, do Grupo Editorial Norma e Carmen Barvo, da Fundalectura.

Os jurados se reuniram em Bogotá em 4 de dezembro de 2001, indicando como vencedor Eduardo Dayán, da Argentina, autor da obra *Palomas son tus ojos*. O Prêmio de “autor revelação” foi oferecido a Esteban Alfredo Pérez, também da Argentina, com o livro *Sueño de novela*.

Além desta premiação, os jurados recomendaram a publicação de



algumas obras que concorreram ao Prêmio, por sua qualidade literária. Entre essas obras recomendadas em 2002, está o texto: *De como Rafa aprendeu a voar e tudo o que aconteceu depois*, que foi considerada pelo júri “Um relato bem construído, original e divertido. A obra não foi considerada adequada para o Prêmio, por estar dirigida a uma categoria de idade diferente da que estipulavam as bases desta edição do concurso”. Este livro é de autoria de uma brasileira, Simone Saueressig, natural de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

Simone Saueressig já publicou diversos livros de literatura para crianças e jovens e colabora em jornais brasileiros e também da Espanha. Teve um conto publicado numa revista de cultura de Portugal. Obteve

o 4º lugar na Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, em 1988, na categoria infanto-juvenil, com a obra *A pedra mágica*. ■

## PRÊMIO NORMA/FUNDALECTURA – 2003

Em 2003, a oitava edição do Prêmio Norma/Fundalectura premiará obras de literatura infantil e juvenil voltadas para leitores de 6 a 10 anos.

Podem participar autores adultos, cidadãos de países latino-americanos residentes em qualquer país, com obras inéditas, escritas em espanhol, que não tenham compromisso de publicação, nem tenham sido apresentadas a outros concursos. Os escritores brasileiros podem enviar trabalhos em português.

O escritor participante concorrerá com uma obra narrativa (conto ou novela), com tema livre, tendo no máximo 80 páginas, no

formato carta, destinada a leitores entre 6 (seis) e 10 (dez) anos de idade.

As obras deverão ser enviadas até o dia 30 de abril.

Será concedido o Prêmio único e indivisível no valor de US\$ 10.000, incluindo também a publicação da obra vencedora pelo Grupo Editorial Norma.

Para participar, conheça o regulamento completo do Prêmio Norma/Fundalectura.

Entre em contato com: [fundalectura@cable.net.com](mailto:fundalectura@cable.net.com) ou consulte a página [www.fundalectura.org.com](http://www.fundalectura.org.com) ■

## Notícias acontece

### Mostra Internacional de Ilustração para a Infância – 2001

Todos os anos, em Sarmède, na Itália, acontece a Mostra Internacional de Ilustrações para a Infância, durante a qual são exibidas as ilustrações de livros para crianças que se destacaram em todo o mundo. São convidados para participar da Mostra artistas que fazem um trabalho de qualidade em outros países, entre eles o Brasil.

Em 2001, a Mostra foi realizada de 27 de outubro a 20 de dezembro, e contou com a presença do ilustrador brasileiro Roger Mello.

Os organizadores do evento conheceram o trabalho de Roger visitando o estande da FNLIJ na Feira de Bolonha, há três anos.

Para Roger, a experiência de ir à Sarmède foi riquíssima. Ele

descreve com animação as várias exposições que aconteceram na cidade italiana, com trabalhos de diversos artistas interpretando o personagem Pinóquio, criado pelo escritor italiano Carlo Collodi, que tinha sido escolhido como tema da Mostra em 2001.

O evento em Sarmède é múltiplo: são apresentadas performances, montagens, instalações, representações teatrais e oficinas e, a cada ano é homenageado um artista. Em 2001, a homenageada foi Marie-José Sacré, da Bélgica.

Para maiores informações sobre a Mostra Internacional de Ilustração para a Infância de 2001 e sobre os eventos que já estão programados para 2002, consulte o site: [www.tmn/sarmede/mostre.htm](http://www.tmn/sarmede/mostre.htm) ■

# Biblioteca

Neste número do *Notícias*, iniciamos a publicação dos títulos referente à produção de 2002. Do dia 17 de janeiro até o dia 20 de março recebemos 34 títulos, conforme relacionamos abaixo.

**ATUAL:** *Aventuras de garoto*. Márcia Kupstas. Il. Fé. São Paulo: Atual, 2002. 24p. • *Janelas de domingo*. Branca Maria de Paula e Ronaldo Simões Coelho. Il. Ludimila. São Paulo: Atual, 2002. 32p. • *Pão e circo*. Leo Cunha e André Salles-Coelho. Il. Nelson Cruz. São Paulo: Atual, 2002. 40p. • *Começar tudo de novo!* 6 ed. Fanny Abramovich. Il. Negreiros. São Paulo: Atual, 2002. 48p. • *A conquista do sertão*. Antonio Celso Ferreira e Rogério Ivano. São Paulo: Atual, 2002. 48p. • *Desenho mudo*. Gustavo Bernardo. Il. Kipper. São Paulo: Atual, 2002. 88p. • *Golpe de vista*. V.J. Palaoro. Il. Cláudia Ramos. São Paulo: Atual, 2002. 96p. • *Racismo, preconceito e intolerância*. Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros, Jacques d'Adesky. (Coord.) Wanderley Loconte. São Paulo: Atual, 2002. 80p. • *Seca no Nordeste: desafio e soluções*. Edith Oliveira de Menezes e José Micaelson Lacerda Moraes. São Paulo: Atual, 2002. 96p. • *A península Ibérica entre o oriente e o ocidente: cristãos, muçulmanos e judeus*. Maria Guadalupe Pedrero-Sánchez. Coord. Marly Rodrigues e Maria Helena Simões Paes. São Paulo: Atual, 2002. 40p.

**BRINQUE-BOOK:** *Bebê bruxo*. Luiz Antonio Aguiar. Il. Graça Lima. São Paulo: Brinque-Book, 2002. 68p. • *Kabá Darebu*. Daniel Munduruku. Il. Marie Therese Kowalczyk. São Paulo: Brinque-Book, 2002. 28p. • *Por que o céu chora*. Gilda Radler de Aquino. Il. Odilon Moraes. São Paulo: Brinque-Book, 2002. n.p.

**CALLIS:** *Bebê do coração*. Thelma Kracochansky Laufer. Il. André Neves. São Paulo: Callis, 2002. 24p.

**DCL:** *Com 7 ou 8 anos a gente pode... A gente não pode...* Anna Cláudia Ramos. Il. Ana Raquel. São Paulo: DCL, 2002. n.p. • *O mar de Ângela*. Sonia Rosa. Il. Fé. São Paulo: DCL, 2002. n.p.

**DIMENSÃO:** *Olhar de bichos 1*. Cláudio Martins, Eustáquio Lembi e Olavo Romano. Il. Cláudio Martins. Belo Horizonte: Dimensão, 2002. 54p. • *Olhar de bichos 2*. Bartolomeu Campos de Queirós, Neuza Sorrenti e Leo Cunha. Il. Angelo Abu. Belo Horizonte; Dimensão, 2002. 54p. • *Olhar de bichos 3*. Ronald Claver, Fernando Limoeiro e Orlando Bianchini. Il. Mário Vale. Belo Horizonte: Dimensão, 2002. 56p.

**FORMATO:** *Fazendo revista na escola*. Mônica Krausz. Il. Ângelo Abu. Belo Horizonte: Formato, 2002. 52p.

**GLOBAL:** *Luas*. Eva Furnari. Il. da autora. São Paulo: Global, 2002. 24p.

**MARTINS FONTES:** *Contos inacabados*. J.R.R. Tolkien. Trad. Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 592p. • *O crocodilo enorme*. Roald Dahl. Il. Quentin Blake. São Paulo: Martins Fontes, 2002. n.p. • *Um monstro debaixo da cama*. Angelika Glitz e Imke Sönnichsen. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2002. n.p.

**PAULINAS:** *Balada do peixe-balão*. José Arrabal. Il. Guazzelli. São Paulo: Paulinas, 2002. 24p.

**PAULUS:** *Bregaliques*. Tatiana Belinky. Il. Cláudio Martins. São Paulo: Paulus, 2002. n.p.

**QUINTETO EDITORIAL:** *Um olhar diferente*. Márcia Kupstas. Il. Carlos Gomes de Freiras. São Paulo: Quinteto, 2002. 48p. • *A senhora dos animais*. Vinícius Caldevilla. Il. Carlos Gomes de Freiras. São Paulo: Quinteto, 2002. 48p. • *Minha história eu mesmo faço*. Edson Gabriel Garcia. Il. Carlos Gomes de Freiras. São Paulo: Quinteto, 2002. 48p. • *Como conquistar essa garota*. Pedro Bandeira. Il. Carlos Gomes de Freiras. São Paulo: Quinteto, 2002. 48p.

**RHJ:** *Mais com mais dá menos*. Bartolomeu Campos de Queirós. Il. Carti. Belo Horizonte: RHJ, 2002. 24p.

**SARAIVA:** *Com o coração do outro lado do mundo*. Tânia Alexandre Martinelli. Il. Mozart Couto. São Paulo: Saraiva, 2002. 128p. • *Drogas e prevenção: a cena e a reflexão*. Ana Lúcia Ferreira Cavalieri. Antonio Carlos Egypto. São Paulo: Saraiva, 2002. 80p.

Neste espaço dedicado à Biblioteca, o *Notícias* parabeniza os bibliotecários e bibliotecárias, pelo seu dia: 12 de março. ■

A criação do prêmio Hans Christian Andersen, outorgado pela primeira vez em 1956, decorreu dessa valorização do gênero. Mais uma idéia generosa dessa mulher a quem tanto devem todos os que trabalham na área e que, na realidade, tão pouco a conhecem.

Mas sua obra ainda não estava completa. Com Richard Bamberger lança, em novembro de 1957, o primeiro número de *Bookbird* uma publicação trimestral destinada a levar informações sobre livros para crianças e jovens a todas as nações da terra.

Em 1966, foi comemorado pela primeira vez o Dia Internacional do Livro

Infantil, a 2 de abril, aniversário de Andersen, considerado o patrono mundial da Literatura para crianças.

Jella Lepman faleceu no dia 4 de outubro de 1970 em seu apartamento em Zurique, tendo recebido várias homenagens oficiais. A Biblioteca Internacional da Juventude mudou-se para o castelo em 1983 e sua grande sala principal recebeu o nome de sua fundadora.

Graças a Jella Lepman, a literatura para crianças e jovens tem a importância que hoje se reconhece, tornou-se internacional e aberta a novas idéias, versátil e rica em sua diversidade. As

sólidas estruturas que ela criou foram e continuam a ser os fundamentos desse extraordinário desenvolvimento de que somos testemunhas e participantes.

Para redigir este texto foram usadas as informações contidas em dois volumes que fazem parte do acervo da FNLIJ:

– Lepman, Jella. *A bridge of children's Books*. Leicester: Brockhampton press, American Library Association: Chicago, 1969.

– Lioba. (Org.) *Mrs. Lepman*. Verlag Roman Kovar: Munique, 1992. ■

## MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Compór, Cosac & Naify, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Letras e Letras, Lucerna, L&PM Editores, Martins Fontes, Mazza, Melhoramentos, Mergulhar, Miguilim, Moderna / Salamandra, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, Pearson Education do Brasil, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHJ, Rocco, Santa Clara, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Stúdio Nobel.

### EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Cláudia Pinto, Elda Nogueira e Magda Frediani • Diagramação: Marcelo Ribeiro

GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Ligia Medeiros, José Bantim Duarte, Lilia Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães  
 Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propicio Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho.

Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.  
 Tel.: (0XX)-21-2262-9130  
 e-mail: [fnlij@alternex.com.br](mailto:fnlij@alternex.com.br)  
 home page: [www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16- 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (0XX)-21-2262 9130 fax: (0XX)-21-2240 6649 e-mail: [fnlij@alternex.com.br](mailto:fnlij@alternex.com.br)